

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
LEDA CATUNDA: Uma discussão sobre pintura através de sua poética.

Lucas Cominato D'Angelo*

Prof. Dr. Sergio Niculitcheff (orientador)

Resumo

Esta pesquisa consiste em relacionar o papel da pintura na arte contemporânea brasileira, focado especificamente nas obras da artista plástica Leda Catunda. Explicito sua trajetória discutindo alguns valores que saem da pintura em sua forma clássica, tela e pincel, para uma nova pintura caminhando para uma tendência mais objectual, como é sua temática, pinturas-objeto, com características fundadas no fazer da pintura tradicional como o colocar na parede e uso de tintas, mas caminhando em direção ao contemporâneo com suporte sendo materiais de aparência macia, com a colocação de tinta sobre os mesmos, adquirindo assim características conceituais, artesanais e mesmo assim ainda sendo pintura.

Palavras- chave: Leda Catunda. Pintura. Arte Contemporânea Brasileira.

* Atualmente cursando Artes Visuais no quarto semestre do período matutino no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. Participou de 2004 até 2009 de algumas exposições coletivas e salões. Após esse período prosseguiu dando continuidade com as atividades artísticas, focando na área de arte educação trabalhando como estagiário em instituições culturais e escolares. Atualmente trabalhando na área de arte educação, e também se dedica à produção artística de atelier.

1. Introdução:

Quando nos referimos para a técnica pintura, sempre nos remetemos à forma clássica de suportes e tintas, contudo no cenário da Arte Contemporânea Brasileira destacam-se novas vertentes da pintura, sendo que uma delas, provavelmente a mais importante; Leda Catunda. Artista mantém uma produção crescente desde a década de oitenta, em sua obra usa os aspectos da pintura tradicional entretanto pela sua maneira de fazer diferenciada pelo uso dos materiais, eleva a pintura a um patamar contemporâneo. O uso de tecidos, costura, linhas, estampas e recortes inicialmente não nos remete a pensar em pintura, entretanto observando a trajetória de Leda Catunda e o desenvolvimento de suas obras, vemos que a sua pintura realmente tomou outros rumos. Desde o início de sua carreira com obras as quais denominava de *Vedações*, até chegar ao que chamou de pinturas-objeto, impulsionada no período de sua graduação na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em reelaborar a pintura pelo fato de não haver incentivo nas aulas de pintura. Desse fato, hoje Leda Catunda é uma artista com grande projeção no panorama artístico nacional e também internacionalmente conhecida, sua obra carrega características brasileiras e propõe uma discussão dos caminhos de atuação da pintura na contemporaneidade. A metodologia foi realizada a partir da pesquisa histórica, tendo como base a bibliografia disponível. Foram abordados e analisados procedimentos técnicos, bibliográficos e apreciações críticas.

2. Desenvolvimento:

Quando falamos em pintura, nos vêm a cabeça sempre uma tela na parede, uma obra bidimensional, onde existe a tinta sobre tela, ou algum suporte similar, realizado com pinceladas para que apareça a cor, as sombras, o volume, a forma. No caso de Leda Catunda, apesar de reconhecer sua produção como pintura, foge totalmente desse aspecto mais previsível do que se espera de uma “pintura”. Ferreira Gullar (1993, pag.29) diz sobre esse aspecto em que “saiu do terreno da representação para o da apresentação. Ou seja, deixou-se de utilizar uma linguagem preexistente para tentar expressar-se sem *linguagem*: cada obra fundaria sua própria linguagem”.

Seu trabalho inicia-se com o que Leda chama de *Vedações*, isso na década de oitenta onde fazia sua graduação na FAAP. É curioso notar que nesta época não

havia na instituição o incentivo a pintura, não havendo aulas sobre a técnica, com isto originou nela um interesse em repensar a pintura e uma curiosidade em reelaborá-la. Este interesse também era compartilhado com outros jovens estudantes da época (os quais ficaram reconhecidos como a *Geração 80*), mas ela já estava se distanciando do campo da representação, pois havia uma grande quantidade de imagens em circulação no mundo, não somente nos meios de comunicação mas também no âmbito das artes plásticas. Partindo desta premissa, Leda Catunda procurou por suportes em que a imagem já vinha acoplada, e com isso deu seu primeiro passo para o que futuramente veio a chamar-se de pintura-objeto, as chamadas *Vedações*. Nelas, a artista invertia o modo original de pintar, ou seja, gradativamente cobria as imagens em um processo de esvaziamento obtido através do preenchimento com a tinta. Uma ação contraditória se pensarmos em toda a trajetória da pintura, pois se utiliza a tinta, os traços para dar forma a alguma coisa, para criar e não utilizando para o fim de tapar, vedar ou ocultar. Mas é isso que se torna o diferencial em suas obras, é que vai guiar todo o processo de trabalho de Leda Catunda, a criação no sentido de rearticular o já existente, modificar e alterar imagens já estabelecidas, ressaltar cores e estruturar formas.

Depois das *Vedações*, Leda Catunda dá continuidade em sua poética partindo para suportes maiores, novas dimensões, com isto ocorre uma mudança no processo, ou seja, antes pegava-se algum suporte que continha alguma imagem e selecionava-se a parte desejada para um processo em que utiliza-se o suporte em sua totalidade, o caso de cobertores, toalhas, cortinas, colchões que continham alguma estampa, alguma imagem que lhe agradasse e que seriam importantes pelo fato de retirá-los do seu campo comum do dia a dia, descontextualizando-os, para no final transformá-los em pinturas. A partir desta proposta sua obra ganha grande força, levantando até questões em relacionadas ao juízo estético, pois observadas levemente podem adquirir um caráter cafona e kitsch, mas tudo é em realidade intencionalmente pensado, complementando o que Leda Catunda afirma ser sua “poética da maciez”. A boa pintura não é a preocupação de Leda Catunda, seu interesse não pretende ser esteticamente agradável, nem em obras que suscitem dúvidas, por isso os títulos de suas obras são sempre explicativos do que é a obra, o que ela representa, nove círculos pintados vão receber o nome de *Nove Círculos*. Por estas características surgiu uma associação a suas obras como o de uma coisa “cafona”, e, é justamente esse fato que tem relevância no conjunto da obra, se o

material não agrada e também o tipo de cores e formas, é isso que está sendo discutido, novas materialidades, que fogem do lugar comum do fazer artístico.

Esses suportes variados são somados a intervenções de tinta, potencializando ainda mais a idéia de volume, acrescentando matéria e deixando-as maiores, fazendo com que ganhem até um aspecto cênico e de teatralidade. Como esses materiais já tinham suas cores próprias (pois é característica de suas obras serem sempre realizadas com poucas cores e em sua maioria vibrantes), a questão da tinta foi repensada no modo em como ser aplicada, agora a tinta soma-se a obra, contextualiza e reforça a obra ainda mais. Para Leda Catunda a obra somente passa a existir depois que a tinta é colocada em cima desses suportes. Tanto nas vedações como nas pinturas-objeto a preocupação nunca está focada na representação ou na construção de figuras (discussão da própria natureza da pintura), mas sim através de seus suportes que ganham tamanho e instigam uma tridimensionalidade caminhando para além do campo da pintura como até então era reconhecido, ou seja a configuração da pintura-objeto em si. Abandonando o plano bidimensional da tela, o aspecto chapado, para seguir para uma característica que envolve expansão, movimento para além daquilo que ela é.

E essas pinturas-objeto com características cada vez mais orgânicas, aparência amolecida, que em toda sua trajetória acabam se repetindo, compõem um mundo próprio e um universo imagético pessoal, isso desde os anos oitenta, são formas, figuras recorrentes que acabaram se repetindo ao longo dos anos, seja por acaso, por preferências ou por memória. Leda Catunda diz ser um mundo macio, sendo formas de seres vivos como línguas, barrigas, insetos como besouros, cascas, moscas, asas, bocas, gotas. Porém sempre continuam tendo a parede como suporte para visualização, característica muito presente na pintura, elas ganham espaço e autonomia quando colocadas na superfície vertical, adquirindo ainda mais maciez, nossos olhos percorrem a obra nos estimulando uma interação, através dos tecidos que nos instiga ao toque, há uma proximidade da obra com quem as vê. Não há agressividade nas obras, elas tendem para uma leveza, propositalmente pela pesquisa desse campo macio em que Leda Catunda pensa sua obra, crescendo ainda mais com as sobreposições, justaposições, linhas que percorrem a obra, volumes, tecidos que pela lei da gravidade parecem cair, moldando, pingando, existindo uma certa vibração, pela saturação das cores fortes, transmitindo alegria em um casamento entre as cores e formas.

Existe uma semelhança de sua produção com as obras de Tarsila do Amaral (1886-1973), sendo até discorridas pela artista em seu doutorado¹. Existe uma similaridade das superfícies uniformes e no uso de cores chapadas, do mesmo modo as formas orgânicas observadas nos quadros de Tarsila, em seu período mais surrealista, com seus cactos sem espinhos, arbustos com formas diferenciadas. Como comenta Gisele Kato (2011, pag. 27), Tarsila do Amaral “... inventou o conceito de brasilidade com seus tons fortes e temas brasileiros”. Leda Catunda não coloca temas brasileiros, mas faz um uso bem adequado das cores, estabelecendo o que intuitivamente nós associaríamos a uma “pintura nacional”, alegre, característica já associada a índole do nosso país, fato que acaba prendendo o nosso olhar. Há uma suavidade nas obras das duas artistas e assim como Tarsila do Amaral é reconhecida como ícone da arte brasileira, conseguindo combinar uma herança européia com novas tendências e o caráter nacionalista, fazendo com que o grande parcela das pessoas tivessem admiração e gostassem de suas obras. Leda Catunda, além de aspirar esses aspectos das obras de Tarsila, consegue aliar características da pintura tradicional e relacionando-as com referenciais da pintura brasileira. Conseguiu também uma ascensão para fora do eixo da arte local, numa projeção internacional, sendo referência no circuito das artes e de certa maneira porta voz da chamada *Geração 80*.

3. Considerações Finais:

Hoje, no cenário da Arte Brasileira, Leda Catunda acaba por servir como espelho para outros artistas, pois conseguiu inovar o seu fazer artístico, levando (mesmo que não intencionalmente), a uma discussão sobre a pintura, afirmando de certa maneira que definitivamente a pintura não morreu, apenas segue por novos caminhos. A artista abriu espaço para os jovens artistas que seguem na produção artística no sentido de ampliar o repertório da linguagem pictórica. Hoje na contemporaneidade a pintura tem novamente grande força, seja sobre tela ou seja para além dela, muito disto se deve a produção que Leda Catunda desenvolveu e vem desenvolvendo desde a década de oitenta. Toda a sua poética e pesquisa vem

¹ “Poética da Maciez: Pinturas e Objetos”, apresentado na ECA USP em 2003.

sendo usada como referência na sua própria temática e na revisão de obras já feitas (uma constância em seus trabalhos), entretanto dialogando com o tempo em que vive, sua contemporaneidade, inovando, recriando e colocando novos elementos em suas pinturas-objeto.

Summary:

This research is to relate the role of painting in contemporary Brazilian art, focused specifically on the works of the artist Leda Catunda. Explicit trajectory discussing some values that leave the painting in its classic form, canvas and brush to paint a new trend moving towards a more objectual, as its theme, object-paintings, with features based on the making of traditional painting as the place the wall and use of paints, but walking toward the contemporary with support materials and soft appearance, with the placement of ink on them, thus acquiring conceptual characteristics, craft and still being painted.

Keywords: Leda Catunda. Painting. Brazilian Contemporary Art.

4. Fontes Consultadas:

AMARAL, Aracy. *Uma Jovem Pintura em São Paulo*. Catálogo da exposição Pintura Como Meio, MAC-USP. São Paulo, 1983.

_____. *Leda 92*. Catálogo da exposição Leda Catunda, Galeria de Arte São Paulo. São Paulo, 1992.

CATUNDA, Leda. *Poética da Maciez: Pinturas e Objetos*. Doutorado apresentado na ECA-USP. São Paulo, 2003.

CHAIMOVICH, Felipe. *2080*. Catálogo da exposição realizada no Museu de Arte Moderna (MAM), com textos de Aracy A. Amaral e Tadeu Chiarelli. São Paulo, 2003

CHIARELLI, Tadeu. *Leda Catunda*. Cosac & Naify. São Paulo, 1998.

GULLAR, Ferreira. *Argumentação Contra a Morte da Arte*. Editora Revan. São Paulo, 1993.

KATO, Gisele. *A Musa do Brasil Cosmopolita*. Revista Bravo. Editora Abril. São Paulo, junho de 2011.

MESQUITA, Ivo (org); ARAUJO, Marcelo Mattos; RIPOLI, Julina; TONI, Lilian. *Leda Catunda: 1983-2008*. Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2009.